

Ernesto Che Guevara, 40 anos depois

Gilberto Calil

*“O socialismo econômico sem a moral comunista não me interessa. Lutamos contra a miséria, mas ao mesmo tempo contra a **alienação**. (...). Se o comunismo negligencia os fatos de consciência, pode ser um método de repartição, mas já não é uma **moral revolucionária**”. (Che Guevara)*

Os 40 anos do assassinato de Ernesto Che Guevara propiciam a discussão sobre sua importância e sua atualidade. Para os que crêem que a história “acabou” e o capitalismo persistirá pelo resto dos tempos, o legado de Che é jogado na lata de lixo da História. Por outro lado, para os que não se satisfazem com o individualismo e o consumismo e se insurgem contra a exploração e a miséria, a trajetória de Che é uma referência indispensável. É isto que explica que Che continue sendo um símbolo de rebeldia para milhões de jovens, a despeito das campanhas de difamação promovidas pela grande imprensa.

Por que Che expressa tão vigorosamente a rebeldia e a luta por uma nova sociedade? De início, pela impressionante coerência entre a teoria e a prática durante toda sua vida. Como intelectual marxista, dedicou-se a compreender a realidade concreta latino-americana e assim recusou receitas prontas e compreendeu a necessidade de um caminho próprio ao socialismo, evitando os equívocos dos regimes do Leste Europeu. Igualmente compreendeu o peso central do imperialismo dos Estados Unidos na opressão dos povos latinoamericanos e a necessidade de colocar a luta antiimperialista em primeiro plano. A revolução latinoamericana, para Che, era necessariamente socialista e libertária e apresentava-se como necessidade urgente. Che compreendeu que as burguesias latinoamericanas eram – e seguem sendo – totalmente incapazes de se opor ao imperialismo ou encaminhar qualquer avanço social efetivo.

Para Che, a Revolução Cubana demonstrou que, ao contrário do que se propagava, as forças populares podem vencer uma guerra contra o Exército opressor, articulando uma situação de crise da dominação política e ascenso da luta popular. Para isto, a formação do foco guerrilheiro cumpriu um papel decisivo. A guerrilha deveria estar articulada às lutas sociais do povo cubano e portanto ser reconhecida por este como expressão desta luta.

Che Guevara foi, ainda, um duro crítico da burocratização do socialismo na União Soviética, expressas em suas divergência políticas, econômicas e relacionadas à concepção de socialismo, chegando a antever, ainda em 1964, que “*sem uma mudança radical de estratégia de construção do socialismo na URSS, se vai ao fracasso e à derrota*”.

O elemento mais expressivo da rebeldia de Che provavelmente seja a proposição de construção de um “Homem Novo”. Che retomava a concepção libertária de Marx e de Lênin, lembrando que para Marx, “*Liberdade não é o jogo livre dos indivíduos que se defrontam no mercado, mas o controle racional da natureza e da vida social pelos homens*”, e para Lênin o objetivo do comunismo seria criar “*uma nova geração de homens livres que respeitam as regras da vida social sem necessidade de violência, submissão ou coação*”. Algo certamente muito distante do que ocorria no burocratizado Estado Soviético. Para Che, a criação do homem novo implicava na negação do individualismo e da alienação. Para que se atingisse esta consciência, os trabalhadores teriam que passar a ter participação consciente nos mecanismos de direção e produção, rompendo-se com qualquer controle autoritário ou burocrático. Ao mesmo tempo, defendia a “Pedagogia do Exemplo”, segundo a qual os dirigentes do processo revolucionário deveriam mostrar o maior desprendimento e espírito de sacrifício, sem receber qualquer vantagem material em relação ao conjunto dos trabalhadores, mantendo-se, portanto, nas mesmas condições e compartilhando seus avanços e dificuldades. Por fim, Che expressava um respeito profundo e autêntico pela vida humana, mesmo nas condições mais adversas da guerra revolucionária, preconizando a necessidade de uma rigorosa ética na luta armada e reivindicando “*uma clemência o mais absoluta possível com os soldados que vão a combater cumprindo, ou acreditando cumprir, um dever militar*”. Assim, manteve-se coerente e combativo, seja na luta revolucionária, seja integrando o governo socialista cubano, seja retornando à luta revolucionária até seu bárbaro assassinato em 1967, na Bolívia.

Che e a construção do homem novo

Alexandre R. Valcarenghi

“Deixe-me dizer, com o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é movido por grandes sentimentos de amor” (Che).

O argentino Ernesto Guevara, líder revolucionário da América Latina, tinha em seus discursos e ações à esperança de mudar o mundo, transformar a América Latina que era o principal palco de suas batalhas em nome de uma sociedade mais justa, pautada no socialismo, projetado nas obras de Marx e Lênin, mas com um método mais “agressivo” a Guerrilha.

Como tantos outros revolucionários, além de tentar modificar as estruturas da sociedade, das instituições e do regime, queria modificar profundamente o homem, costumes, valores, atos e suas relações sociais, formar um homem novo para concretizar a sociedade comunista.

O homem comunista deveria rico interiormente, consciente de seu papel na sociedade, uma vez que o “homem novo” precisaria se desvincular de todo o universo capitalista, e perder a característica de homem mercadoria, alienado e individualista e ganhar o fulgor da revolução, ser parte integrante da sociedade, um ser pensante com valores que os possibilitava em ser um cidadão do futuro.

Para muitos as idéias Guevaristas eram um tanto utópicas, mas na verdade eram bases para uma sociedade capaz de superar as formas de organização impostas pelo capitalismo. Com um caráter de desapego materialista, onde o indivíduo seja capaz de se sacrificar em prol das idéias socialistas, conhecer a revolução tanto na prática como na teoria.

Uma vez que o homem se tornasse um “homem novo” integrante e atuante da sociedade, poderia desenvolver por completo suas capacidades e assim tentar através de uma consciência mais igualitária modificar as situações que lhe oprimiam, ou seja, ingressar no seio da revolução contra o capitalismo imperialista, autoritário e desumano. O novo homem se purificaria através do trabalho voluntário, consciente e ideológico se desvinculando de vez do trabalho alienado e explorador capitalista.

Na sociedade comunista não haveria distinção entre dirigentes e povo tanto no âmbito de divisão material como no trabalho, o próprio Che trabalharia e viveria como qualquer indivíduo dentro da nova sociedade.

Ao se pensar as idéias de Che sobre um “novo homem” surge uma perspectiva de uma possível solução para o melhoramento do ser humano, assim o purificando através da solidariedade e do trabalho, o que lhe tornaria sensível o suficiente para se comover com as problemáticas do mundo e ativo o suficiente para tomar uma atitude que de luta e reivindicação.

Che Guevara e a Guerrilha

Mauro Cezar Vaz de Camargo Jr

Normalmente quando pensamos em na guerrilha pensada por Ernesto Guevara normalmente associamos a um impulso juvenil carregado de idealismos repentinos, mas ao contrario para se utilizar do método de guerra de guerrilha ele estudou e treinou muito tempo avaliando todo os prós e contras desta.

A guerrilha pensada por Che se baseia na idéia de que uma revolução socialista só se faz pela guerra revolucionaria, e é interessante o quanto bem projetada é a aparelhagem da guerrilha, pois se analisarmos, a intenção desta é desmontar o aparelho burocrático estabelecido, porém este estado tem com aparelho de proteção o exercito institucional.

E para vencer o Exército institucional necessita-se de outro exercito que seria o Exército popular que se constitui na guerrilha, que nada mais é do que uma organização popular insatisfeita e bem articulada para derrubar as velhas engrenagens inoperantes.

A guerrilha como método vai ser adaptada por Guevara da experiência da guerra civil espanhola que tem como alguns de seus métodos começar pela revolução nos campos onde a situação econômica e social é muito precária.

Os camponeses vivem em situação de exploração econômica e comumente são colocados a margem da sociedade, o que torna o camponês um provável guerrilheiro, e em âmbito estratégico a posição de começar no campo possibilita uma maior segurança para a fortificação da guerrilha para que esta mais tarde se desenrole caminhando para os centros urbanos, porém a guerrilha só existe com o apoio popular logo é uma manifestação das massas.

Não existe guerra sem morte e sem violência, por isso a guerrilha deve ser bem planejada e deve servir como um recurso para além dos recursos legais. Ernesto Guevara em um de seus escritos fala que “a semente da guerrilha não pode frutificar onde nem todas as possibilidades da luta legal foram esgotadas”,

Se as outras tentativas não surtiram efeitos a guerrilha surge como poder alternativo, se opondo ao poder estabelecido, sendo reconhecido pelo apoio popular o qual vai definir sua força e o poder de mudança. Esse apoio popular vai depender também se as condições sociais, políticas e ideológicas

Para Che Guevara a revolução na América seria socialista e se daria através das armas, e não pelo método democrático-burgues no qual as relações entre alianças partidárias e conspirações militares tornam as mudanças difíceis, e as revoluções impossíveis, o que torna as idéias de mudança surgidas nas camadas descontentes descartáveis e esquecidas.

Essa relação de alianças entre representantes faz com que a população se torne refém de decisões de um pequeno grupo que após eleito se legitima no poder e toma suas decisões de forma fechada deixando a mercê destes acordos internos entre grupos.

Esse sistema burocrático é legalizado e para Che só passível de modificação através da luta armada e da formação de exércitos populares representantes dos ideais das massas.

O Primeiro Território Livre das Américas

Carlos Mauricio Trindade

Formado em medicina e especialista em alergias, Ernesto Guevara participou de uma tentativa de revolução na Guatemala em 1953, mesmo ano em que Fidel Castro é preso por uma tentativa fracassada de tomar o Quartel Moncada em Cuba. Os objetivos de Castro no golpe eram a erradicação da ditadura de Fulgêncio Batista e também a transformação da situação econômica-social da qual Cuba enfrentava, onde a miséria, o desemprego e o sub-emprego eram muito comuns nesse período.

Guevara, com sua companheira Hilda vão para o México depois dos norte-americanos derrubaram o governo provisório da Guatemala, que tentou, por sua vez desapropriar as terras das multinacionais para a reforma agrária.

Fidel exilado em território mexicano tentava formar uma guerrilha pra derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista, e usou o México como base de treinamento da guerrilha. E é no México que Ernesto, agora com o apelido de Che, conheceu Raul Castro e ingressou na guerrilha de Fidel. Do México saem 82 homens e somente, 12 sobrevivem e chegam a Sierra Maestra, base operacional da guerrilha.

A guerrilha toma adesão popular, desta forma povo e a guerrilha formam uma só força revolucionária. Assim Fidel e os comandantes de colunas guerrilheiras Raul, Che e Camilo Cienfuegos, realizam vários ataques contra o Exército e conquistam grande território na província de Las Villas. Seguidamente Che toma Santa Clara, capital provinciana e Camilo toma de assalto o quartel da cidade de Yaguajay. E em 1º de janeiro de 1959, Fulgêncio Batista foge pra os EUA e Fidel entra em Havana, apoiado por uma greve geral que se espalhou por todo o país. O apoio massivo dos camponeses e operários foi certamente decisivo para o triunfo da revolução.

Che se destaca como comandante, apesar de ser asmático, prova seu valor como guerrilheiro tendo sido ferido varias vezes durante o processo revolucionário. Na consolidação da revolução assumiu vários cargos administrativos em Cuba (incluindo vários ministérios), assim participando intensamente no processo de construção do socialismo em Cuba.

Defendendo principalmente a idéia de mutirões populares para aumentar a produtividade e também para a construção de casas, escolas, hospitais etc. Che têm como objetivo resolver os problemas sociais em da ilha que é considerada “o primeiro território livre das América”. Logo as relações entre Cuba e URSS são consolidadas,

acordos econômicos e armamentistas são firmados. Outro fato de extrema importância é que o governo revolucionário fechou as empresas norte-americanas, e em 1961 os EUA impõem um embargo econômico a Cuba.

A Revolução só se consolidou depois da invasão da Baía dos Porcos, onde em 72 horas as “Milícias Nacionais Revolucionárias” repelem um ataque que foi planejado por meses pela CIA, outro golpe imperialista norte-americano para derrubar o governo revolucionário.

Ao assumir o governo, Fidel trata de punir os “apoiadores” de Batista em imediato, assim como as direções “pelegas” dos Sindicatos e dos partidos que haviam servido as políticas capitalistas. A reforma agrária é iniciada em 1959, radical e socialista, até o pai de Fidel, latifundiário (até a época), é desapropriado. O analfabetismo é quase extinto na pós-revolução, hoje existe um mestre para cada 42 habitantes e a taxa de alfabetização é de 99,9% da população, dessa maneira A REVOLUÇÃO AINDA VIVE!

Che Guevara como mercadoria

Sandra Popiolek

“Os grandes revolucionários foram sempre perseguidos durante a vida; a sua doutrina foi sempre alvo do ódio mais feroz, das mais furiosas campanhas de mentiras e difamação por parte das classes dominantes. Mas, depois da sua morte, tenta-se convertê-los em ídolos inofensivos, canonizá-los por assim dizer, cercar o seu nome de uma auréola de glória, para ‘consolo’ das classes oprimidas e para o seu ludíbrio, enquanto se castra a substância do seu ensinamento revolucionário, embotando-lhe o gume, aviltando-o”. (Lênin em sua obra O Estado e a Revolução).

Um homem morreu na Bolívia há 40 anos atrás, cortaram suas mãos e o enterraram em um terreno próximo a uma estrada para não ser identificado e nem encontrado. Seus restos mortais só foram encontrados em 1997. Nesse tempo, seu diário de campanha e os relatos de camponeses foram às únicas coisas que se conhecia até então sobre as circunstâncias de sua morte.

Mas por que ele se tornou o símbolo de coragem, defendendo a realização de seus ideais? Para alguns, Ernesto Guevara de la Serna, o Che como foi e é chamado, natural da Argentina, era um latino americano que ficou conhecido mundialmente pelos sonhos de liberdade e igualdade na América Latina, sendo também antiimperialista e internacionalista.

Che passou a ter um espírito revolucionário a partir de suas viagens pela América Latina, onde teve uma visão da miséria, das lutas e sofrimentos que presenciou por onde passou e refletiu que a única maneira de acabar com todas essas desigualdades era tentando promover mudanças na política administrativa mundial.

Para alguns, a imagem de Che aparece associada a uma concepção de rebeldia, revolução, “herói romântico”, guerrilheiro e entrega pela defesa de uma causa. Como podemos considerar que temos “heróis” no futebol como Garrincha, por exemplo, podemos nos espelhar na figura de Che para fazer dele um “herói” de uma possível Revolução.

Por outro lado, a figura de Che, apesar de sua trajetória política e ideológica, virou uma marca capitalista: a reprodução da imagem de Che Guevara em camisetas, chaveiros, pôsteres, e agora até biquíni, geralmente utilizam uma famosa foto tirada por

Alberto Korda e assim passa a ser comercializada por corporações e empresas no intuito de comércio e não tornar público seus sonhos de liberdade e igualdade que se fez na Guatemala, México, Cuba, Congo... até seu fim na Bolívia.

A mercantilização de Che Guevara sustenta os aspectos já citados do mundo capitalista em que vivemos, com objetivo de obscurecer o conteúdo político de Che, sua imagem revolucionária, que para o capital, não passa de uma mistificação que contribui para seu fortalecimento.

A memória de Ernesto Che Guevara não deve ser resgatada em mera estampa de camiseta e ainda na forma de mercadoria. Precisamos mais: precisamos resgatar os objetivos desse homem que lutou até seu fim pela liberdade e pela mudança social no mundo!